

ESTRATIFICAÇÃO DE USOS LINGÜÍSTICOS: INOVAÇÃO E MUDANÇA *

Maria Célia LIMA-HERNANDES

RESUMO *A partir da premissa de que deslizamentos funcionais de itens/estruturas mais ou menos lexicais permitem a apreensão de rotas de gramaticalização nas línguas, investigo os usos sincrônicos e diacrônicos dos itens tipo, feito, igual e como no português do Brasil. Apresento o estatuto da mudança sob a perspectiva da gramaticalização e da sociolingüística. Para tanto, procedo ao estudo de tipo painel (Labov 2002) com amostras de língua falada por cariocas dos projetos PEUL e NURC, hierarquizo tais usos com base na hipótese da unidirecionalidade e quantifico-os, avaliando a referendação dos padrões funcionais em dados diacrônicos dos séculos XIII ao XX. Com essa estratégia, mostro que muito do que ocorreu no passado explica o que já ocorre sincronicamente. Realizo um estudo circunstanciado na exemplificação/quantificação de tipos/tokens (Du Bois 1985; Hopper & Traugott, 1993 e Bybee, 2003). Como estratégia para estudar a incorporação dos usos inovadores em textos escolares, empreendi um exaustivo estudo dos padrões funcionais de tipo em redações escolares dissertativas, por meio do que discuto seu ingresso na língua escrita e a trajetória de gramaticalização assumida pela forma-fonte. Apoio minhas explicações em pressupostos sociolingüísticos, especialmente naqueles que defendem que a incorporação de novas formas/funções lingüísticas pelos indivíduos deve-se à força de valores/atributos do grupo que as originou/ou que mais evidentemente as utiliza.*

ABSTRACT *Starting with the premise that linguistic items/structures, in a grammaticalization process, slide from less grammatical to more grammatical, I investigate synchronous uses of the words tipo, feito, igual and como in Portuguese, spoken in Rio de Janeiro, in a panel study methodology (Labov 1994). I introduce the rule change from a theoretical perspective of sociolinguistics and grammaticalization, since internal and external motivations contribute for the comprehension of isolated*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 30 de junho de 2005, orientada pela Profª Drª Maria Luiza Braga.

points of the movement of the forms towards grammar. For this, I propose a hierarchy of these items based on the hypothesis of unidirectionality. I return in time, through documents from the XIII to the XX centuries, and I verify if this postulated organization is the same. I study these functions through type/token frequencies, since the quantification favors the comprehension of the direction taken over by the items in their slidings. In order to verify the incorporation/adhesion of the innovative uses of tipo, I analyze compositions. I defend that the entrance of the functional standards in written language also depends on extralinguistic factors. I sustain my explanations in traditional sociolinguistic aspects (age, sex, education degree) and in the correlation of these with values and group attributes. This adhesion/refusal attitude of innovative uses would be a harmony index of the speaker with the behavior of their peers.

APRESENTAÇÃO

O propósito deste artigo é divulgar os resultados da investigação em que examinei os deslizamentos funcionais da palavra *tipo* no português com base em duas amostras de língua falada por cariocas de variados graus de escolaridade. Realizei, como estratégia analítica, o estudo comparativo de outras palavras, que a exemplo de *tipo*, desenvolvem novos sentidos a partir de um processamento de base comparativa, quais sejam, *feito*, *igual* e *como*.

No texto original, dividido em cinco capítulos, apresento inicialmente os pressupostos funcionalistas que fundamentam este trabalho. E, assim, desloco para o centro das discussões o usuário da língua juntamente com os aspectos que compõem o entorno comunicativo. Esse deslocamento foi fundamental para que as discussões tecidas se justificassem, especialmente porque ofereceu a possibilidade de se analisarem os tipos de padrões estruturais e os níveis de organização discursiva, tal como procedi no capítulo I, ao tratar dos processamentos de base comparativa, e no capítulo III, ao descrever e hierarquizar os padrões funcionais dos itens analisados; esse viés teórico também permitiu responder a questionamentos sobre as motivações de estratégias lingüísticas adotadas na interação, como fiz no capítulo V. Combinando esse modelo teórico com os pressupostos da gramaticalização, este estudo pôde lidar com as inconsistências e irregularidades de alguns dados ambíguos que assumiram posição periférica nas categorizações, conforme apresentei no decorrer do capítulo III da tese, onde descrevi os padrões funcionais sincrônicos.

I. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Para esta investigação constituí dois *corpora* demandados pelo tipo de abordagem. Na abordagem sincrônica, discuto a pertinência de um estudo de tipo *painel* para as

amostras de língua falada por cariocas registrados em entrevistas para os projetos PEUL e NURC, em dois momentos distantes no tempo. Como estratégia para estudar a incorporação de usos inovadores em textos escolares, empreendi um exaustivo estudo dos padrões funcionais de *tipo* em redações escolares dissertativas. Lanço mão desse material para discutir o ingresso de usos funcionais inovadores na língua escrita e a trajetória de gramaticalização assumida por esse item. Para a abordagem diacrônica, selecionei documentos do século XIII ao XX. Com base nas ocorrências geradas, discuto a pertinência de um estudo quantitativo para apreender a gramaticalização de itens. Faço isso com base em Du Bois (1985), Hopper & Traugott (1993) e Bybee (2003).

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – A BASE FUNCIONALISTA

O pressuposto básico da abordagem funcionalista é que o estudo do sistema lingüístico leve em consideração o usuário da língua e, como consequência, todo o entorno suficiente para a produção de sua fala torna-se alvo de interesse.

Tendo em vista que a Gramática Funcional objetiva a descrição e a explanação das línguas focalizando os aspectos pragmático e psicológico, discussões a respeito do entorno comunicativo – em que a motivação e objetivos para a interação verbal são questões centrais – e correlações com os processos mentais envolvidos na interpretação e produção das expressões são imprescindíveis (Dik 1997).

A proposta de Dik sustenta-se no argumento de que o usuário da língua natural é parte do sistema integrado, a língua. Dessa forma, o falante compõe o “discurso”, que tem em sua base a informação pragmática. Assim, numa situação de interação verbal, nenhum discurso é interpretado adequadamente se se levar em conta unicamente o conteúdo intrínseco da cadeia lingüística; outros tipos de conhecimento são necessários ao sucesso da interação verbal. Dik agrupa em dois tipos esses conhecimentos: a) conhecimento de longo-termo¹; e b) conhecimento de curto-termo².

Com base nessa distinção de conhecimentos, numa perspectiva funcional do discurso, apresentam-se três perspectivas de observação e estudo. Na primeira, responde-se ao questionamento a respeito das motivações/decisões sobre as estratégias adotadas na interação; na segunda, procuram-se examinar os tipos de padrões estruturais e os níveis de organização discursiva; na terceira, lida-se com a continuidade/descontinuidade e coerência/incoerência em termos de graus. Muito da perspectiva adotada é, por vezes, determinada pelo material analisado e objeto focalizado.

¹ equivale a: componentes lexical, gramatical e pragmático, os quais integram o *conhecimento lingüístico*; e componentes referencial, episódico e geral, os quais constituem o *conhecimento não-lingüístico*.

² Dik subdivide-o em dois tipos: situacional (centro dêitico) e textual (reconhecimento de referências e estados-de-coisas).

Neste trabalho, as regularidades lingüísticas e aparentes “irregularidades” quanto ao uso dos itens analisados serão observadas, sem, contudo, perder de vista a idéia de que as relações entre a instrumentalidade do uso lingüístico e a sistematicidade da estrutura lingüística estabelecem-se como não-arbitrárias (Neves 1996), razão por que é imprescindível um tratamento em termos de tendências e condicionamentos.

As discussões sobre os mecanismos de mudança e as sobre o recurso analítico do contínuo unidirecional permitiram o contato com alguns trabalhos que evidenciaram a relevância de motivações internas para a mudança lingüística. O peso da motivação externa, em contrapartida, deve ser explorado com a mesma profundidade, uma vez que a situação interativa tem sido apontada por estudiosos da Análise da Conversação e da Sociolingüística como o gatilho de muitas mudanças na língua.

A motivação externa pode ser vinculada à intenção de criatividade/economia, uma vez que o indivíduo busca inovar por meio da fórmula “formas velhas/sentidos novos”, também orientados por leis de convivência, de idade, de regras sociais. Contudo, se a mente se manifesta por meio da linguagem, não se pode negar que o próprio sistema lingüístico motiva o processo que mantém a dinamicidade intrínseca da língua.

O componente social, por conseguinte, é bastante importante para a rota de gramaticalização. Heine, Claudi & Hünemeyer (1991a), por exemplo, defendem a correlação entre gramaticalização e os seguintes fatores: a) contato entre línguas; b) interferência entre as formas escrita e falada de uma língua; e c) contexto sociocultural.

As alíneas *a* e *b* apresentam fatores que não me parecem cruciais para a rota de deslizamento assumida por *tipo*. Estatuto diferente assume o fator apresentado na alínea *c*, posto que uma grande motivação para a mudança lingüística remete a uma necessidade comunicativa num contexto sociocultural resolvida mediante diversas estratégias pragmáticas, como é o caso, por exemplo, de ser claro, de não ser repetitivo, de ser relevante etc. Essas estratégias pragmáticas requerem estratégias lingüísticas também diversificadas, que se adaptam (e, portanto, variam) de acordo com o contexto sociolingüístico.

Nesse sentido, não se pode conceber que a dinâmica do processo de mudança lingüística corra à margem de uma movimentação social. São esteios dessa dinâmica as necessidades geradas nos grupos sociais e na sociedade, como um todo, parcialmente ditadas pela evolução do indivíduo (emersão de novos jovens) e parcialmente comandadas pelas forças inerentes às línguas (orientadoras dos usos). Dessa movimentação fazem parte velhas e conhecidas formas lingüísticas, saídas do léxico, que, uma vez imantadas segundo o processo da gramaticalização, deslizarão para a gramática. O processamento é bastante complexo, uma vez que, sem perder totalmente suas propriedades originais, ganham algumas outras peculiares da nova categoria que integrarão.

Para Heine, Claudi & Hünemeyer (1991a: 23-4), a gramaticalização “é iniciada por forças que estão fora da estrutura lingüística”. Esses autores oferecem algumas possibilidades de ações do falante para que a criatividade se mostre:

- I. inventar novos rótulos, isto é, criar combinações arbitrárias de sons;
- II. emprestar termos ou expressões de outros dialetos ou línguas;
- III. criar expressões simbólicas tais como onomatopéias;
- IV. compor e derivar novas expressões de formas lexicais e gramaticais já existentes;
- V. ampliar o uso de formas existentes para a expressão de novos conceitos, estratégias que incluem transferência analógica, metonímica, metafórica. (p. 27)

Todas essas ações podem gerar ampliação de usos lingüísticos, mas somente a ação descrita no item cinco corresponde ao processo de gramaticalização, que prevê a ampliação de uso sintático-semântico de formas já existentes na língua: as formas vão diacronicamente assumindo funções pertinentes a palavras de outras categorias gramaticais.

Esses autores (op.cit., p.76), com base em Traugott & König, sugerem que a mudança categorial somente toma como gatilho a reinterpretação feita durante o processo de gramaticalização, e essa releitura é propiciada por situações em que elementos pragmáticos de reforço, implicaturas conversacionais ou metonímias sejam as estratégias utilizadas, justamente por favorecerem enunciados lingüísticos ambíguos.

Mithun (1991) defende que os fatores comunicativo e cognitivo motivam a gramaticalização de categorias, por isso deve-se não somente apreender as possíveis rotas de desenvolvimento dos marcadores gramaticais e de categorias, mas, ainda, compreender os fatores que motivam esse desenvolvimento, “especialmente sua interação potencial com os sistemas gramaticais nos quais eles emergem” (p.183), incluindo-se aí *preocupações culturais*.

Tendo em vista o dado cultural abordado por Mithun, cabem aqui algumas considerações acerca da palavra *tipo*, investigada nesta tese, uma vez que algumas de suas diferentes funções se encontram em graus distintos de incorporação/aceitação na língua padrão. Essa é a razão para que, em situações de fala, *tipo*, especialmente em funções diversas daquela assumida pelo item-fonte³, desperte desde o estranhamento até a rejeição.

Enquanto substantivo, *tipo* revela deslizamentos funcionais tão pequenos que não chega a causar a mesma saliência social⁴ de *tipo*-conjuncional ou mesmo de *tipo*-discursivo. Entre os universitários do curso de Letras, é comum a associação a um uso efêmero (gíria) de adolescentes. Em contrapartida, adolescentes de ambos sexos associam-nos a uma marca de identidade grupal ou, em termos sociolingüísticos, como variante correlacionada à idade⁵.

³ É relevante esclarecer que o item-fonte pode ser variável nas perspectivas diacrônica e sincrônica. Nesta tese, *tipo* é forma-fonte, mas apresenta em seus deslizamentos funcionais muitos itens-fontes, eleitos de acordo com o ponto de partida a ser tomado em relação ao item-meta ou item-alvo.

⁴ Saliência social foi rótulo empregado por Rodrigues (1987) aos casos de ruptura de concordância verbal (português popular em São Paulo) que geravam estigma ao indivíduo na comunidade. Inspirou-se no rótulo “saliência fônica” empregado por Lemle & Naro (1977).

⁵ Na terminologia sociolingüística, trata-se de usos com *covert prestige*. O fato de outros indivíduos adotarem esses usos mais inovadores de *tipo*, a despeito da recusa pela escola e por normativistas, evidencia a existência de *covert prestige* (Labov 2001).

Esse movimento de rejeição das novidades representa uma herança cultural (Laraia 1989) que faz com que os integrantes de uma determinada comunidade apresentem uma reação depreciativa a quaisquer tentativas de ações fora dos padrões aceitos pela maioria. Esse caminho pode tanto rumar para a discriminação e para o preconceito quanto para a mudança e para a estabilização de usos.

A título de ilustração, note-se que, somente na segunda metade do século XX, lingüistas brasileiros passaram a conceber a língua falada como objeto passível de investigação científica. Esse novo interesse trouxe conseqüências para o estudo da língua portuguesa. Segundo Laraia (1989), são justamente pequenas mudanças como essa que evidenciam o caráter dinâmico da cultura. Baugh (1980: 83) também atinou para o fato de que mudanças de caráter social podem afetar, em grande medida, até mesmo a maneira de abordar um fenômeno lingüístico:

All facets of Afro-American behavioral research have obvious social implications. Undoubtedly, the catalytic impact of the civil rights movement has influenced this social orientation. In the case of linguistics, however, some of the most significant theoretical advances of our time can be linked directly with Black English Vernacular (BEV) research.

Assim, as mudanças ao longo do tempo podem facilitar a compreensão do que se passa numa sociedade, e essa compreensão pode minimizar os preconceitos decorrentes do choque entre gerações:

Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (Laraia 1989: 105)

Para essa tarefa, em se tratando de um fenômeno lingüístico, torna-se imprescindível a busca de um diálogo com a Sociolingüística, especialmente no que se refere aos caminhos metodológicos oferecidos pela vertente laboviana.

III. À GUIA DE CONCLUSÕES

Identifiquei 6 padrões funcionais de *tipo* (substantivo referenciador, substantivo classificador, preposição exemplificativa/enumerativa, conjunção comparativa, delimitador aproximativo e marcador discursivo), 5 padrões funcionais de *feito* (predicador verbal, substantivo referenciador, adjetivo qualificador, conjunção comparativa, delimitador aproximativo), 5 padrões funcionais de *igual* (adjetivo qualificador, substantivo referenciador, ambíguo conjunção, conjunção comparativa, marcador discursivo) e (advérbio de modo, ambíguo conjunção, preposição exemplificativa/enumerativa, conjunção, marcador discursivo). Tais padrões funcionais

revelam uma convergência nos deslizamentos funcionais em se tratando da categoria conjunção num processamento de base comparativa.

Esses padrões foram parcialmente referendados pelos dados diacrônicos. Constituíram-se exceções os casos típicos de língua falada (discursivos: delimitadores e marcadores conversacionais). A rota de abstratização marcada pelo *continuum* hierárquico proposto com base na hipótese de unidirecionalidade mostrou-se ratificado. Alguns casos especiais, contudo, devem ser discutidos à parte.

Categorias ambíguas, representadas pelos *types* igual³ (adjetivo/conjunção) e como² (advérbio/conjunção – preposição/conjunção) revelam uma espécie de “elo perdido”⁶ na cadeia de mudança, fase muito importante para explicar a convivência dos dois momentos (prévio e posterior) da gramaticalização. Os dados agrupados nessas categorias intermediárias permitem discutir, por exemplo, a atuação de dois mecanismos complementares no processo de mudança motivada por gramaticalização: metonímia e metáfora. A metonímia, processo que provoca inferências pela contigüidade de informações, pode ser detonada pela aproximação de formas/significações. Já, as inferências metafóricas decorrem da transferência entre domínios conceptuais. Um exemplo dos deslizamentos que envolvem esses mecanismos pode ser demonstrado com os seguintes exemplos:

- (a) Este tipo é interessante.
[+humano]
[+animado]
- (b) Este é um tipo de pessoa interessante.
classif. [+humano]
[+animado]
- (c) Este é um tipo de N interessante
[± humano]
[± animado]

Num ponto dos deslizamentos de *tipo*, a categoria cognitiva “pessoa” constitui o item-fonte, que desliza, num outro ponto do *continuum*, para classificador. As conseqüências desse deslizamento são majoritariamente representadas pela função mais gramatical desempenhada por *tipo* e pelo esvaziamento semântico, com reflexos na codificação sintática. Passa a exigir, nessa nova função, um Sprep em cujo interior está um nome que apresenta os traços originais [+humano, +animado] do item-fonte. Posteriormente, essa estrutura sofre, por analogia, um espriamento. Passa, então, a admitir a presença de nomes com outros traços semânticos.

A passagem de um ponto de deslizamento a outro, no entanto, nem sempre se apresenta de uma forma inequívoca. Os deslizamentos propiciam inferências, que podem

⁶ Aproprio-me do rótulo atribuído por Maria Luiza Braga às categorias periféricas que permitiriam mais de uma interpretação funcional. Não apresentam, assim, com exclusividade todos os traços de uma categoria central.

apresentar interpretações ambíguas. Esse efeito previsível foi explicitado quando discuti a atuação do processamento cognitivo básico mobilizado pelos indivíduos nos deslizamentos funcionais: a comparação. Defendi a atuação desse processamento em vários níveis lingüísticos, inclusive no da organização da estrutura conversacional.

A unidirecionalidade foi empregada como recurso heurístico para a organização dos dados e mostrou-se válida diacronicamente para os itens *tipo*, *feito*, *igual* e parcialmente para *como*. Seria pertinente uma discussão sobre a fragilidade desse recurso tendo em vista que não foi ratificado nos deslizamentos de tipo⁴ (conjunção), tipo⁵ (discursivo - delimitador aproximativo), tipo⁶ (discursivo – marcador), *feito*⁴ (conjunção), *feito*⁵ (discursivo – delimitador aproximativo), *igual*⁴ (conjunção) e *igual*⁵ (discursivo – marcador). Os problemas metodológicos, todavia, são decorrentes da associação desse *continuum* unidirecional com a ratificação diacrônica. Explico: esses *types* podem sofrer restrição em documentos escritos como os que consultamos.

Há uma série de quesitos importantes que favorecem ou explicam os *types* que não foram encontrados nos documentos escritos: 1. texto narrativo com alto grau de oralidade; 2. interação face-a-face ou simultânea; 3. contextos de emergência lingüística (usos inovadores); 4. estigmatização. Esses mesmos quesitos podem ser aqueles que determinaram a exclusão de muitas dessas funções dos dicionários consultados.

Outros casos que, embora não tenham sido ratificados, não afetam a hierarquização proposta são aqueles que refletem uma conversão categorial, como é o caso de *igual*² (substantivo referenciador), que podem ou não ocorrer em qualquer ponto do *continuum*, uma vez que não remetem a uma mudança categorial motivada por gramaticalização. Com base na análise procedida, postulei, no estudo sincrônico, que categorias altamente gramaticalizadas assumem funções discursivo-conversacionais, contudo, não tenho recursos precisos para discutir a época de surgimento desses itens funcionais pelas limitações próprias dos materiais diacrônicos.

A palavra *como*, já conjuntiva desde o latim – ainda que esta forma seja mais próxima de um latim vulgar –, colocou-me frente ao impasse de resolver se a categoria prepositiva (exemplificativa/restritiva) tinha estatuto mais abstrato do que a categoria conjuntiva, que reunia um conjunto bastante amplo de valores semânticos. Optei por considerar o grau de abstratização do tipo de estrutura em que estava inserido o item. Se consideramos que preposições ligam palavras e conjunções orações, estas estão num nível hierárquico mais alto, mais abstrato portanto. No entanto, é uma questão que merece maior aprofundamento em estudos posteriores, de modo a verificar a estratificação de *como* conjuncional e depois confrontar esses resultados com aqueles revelados neste estudo. Aqui, um conjunto de dados que aparece somente a partir do século XX é uma evidência de uma abstratização interessante, que pode ser derivada de uma estrutura conjuntiva comparativa. Observe o seguinte exemplo:

(d) Como antropólogo responsável pela definição dos limites da terra indígena deni em Itamarati e Tapauá, no Amazonas, esclareço que os denis tiveram sua terra identificada pela Funai em 1999, com uma superfície de 1.530.000 hectares. (XX)

Nesse exemplo, é possível notar, numa perspectiva funcional, que há a intenção de o falante marcar seu papel social para se enquadrar como autoridade no assunto de que vai tratar na seqüência informativa seguinte. A estrutura introduzida por *como* é topicalizada e sinaliza ao leitor algo além da informação puramente lingüística, mas que poderia atuar numa função próxima a de sinalizar ao ouvinte que a informação subsequente não pode ser questionada. Como esses dados ocorrem em momento histórico posterior ao da conjunção comparativa, poderia gerar debates sobre a atuação de uma unidirecionalidade. É uma questão que ainda permanecerá em aberto.

No capítulo V da tese, em que travo o efetivo diálogo entre gramaticalização e sociolingüística, busquei identificar as forças externas à língua que atuariam nesses deslizamentos e, depois, a incorporação dos usos inovadores de *tipo* na escrita escolar.

A teoria clássica do tempo aparente define o final da puberdade como ponto de estabilização da gramática dos indivíduos. O estudo painel é uma metodologia que permite apreender se de fato isso ocorre. Analisei os itens *como*, *feito*, *igual* e *tipo* nas entrevistas produzidas pelos mesmos falantes em dois momentos distantes no tempo aproximadamente 18 anos. Com a análise, foi possível verificar que os falantes alteram a freqüência de *types* de cada item em função de suas características sócio-culturais. Não somente alteram os usos mais lexicais – diminuindo, eliminando, aumentando suas freqüências, ou mesmo incorporando novos padrões funcionais – mas também os usos mais gramaticais das palavras analisadas. Com os resultados, é possível discutir a estigmatização de alguns usos, como ocorre com o *igual* e *feito* em seus valores conjuncionais. Estes são evitados por falantes com alta escolarização. Com relação a *tipo*, pode-se falar no “mito da gíria” que reflete a concepção dos mais velhos em relação ao marcador discursivo “tipo assim”. Ocorre que os falantes que incorporam esses usos mais inovadores, sejam eles marcadores discursivo-conversacionais ou delimitadores aproximativos, são aqueles que mantêm vínculos sociais bastante extensos, normalmente propiciado, embora sem exclusividade, também pela escola.

Se segmentarmos os informantes somente pelo grau de escolaridade, teremos dois conjuntos de informantes agregados: os três falantes do PEUL (38, homem; e 39 e 63, mulheres) e os 11 falantes do NURC (6 mulheres, 5 homens). Enquanto os falantes do PEUL incluem *tipo* em funções juntivas, discursivas (marcador, delimitador) no segundo contato (amostra 00), e somente a falante 63, que era pré-adolescente de 12 anos no primeiro contato (amostra 80), empregava o juntivo, dos falantes do NURC, duas (133 e 11) chamam a atenção pela incorporação de usos inovadores de *tipo*. Ambas são as falantes mulheres mais jovens da amostra (estão na primeira faixa etária: 25 a 35 anos, no contato; e de 36 a 55, no recontato). A falante 11 mantém contato intenso com jovens e seus contatos sociais justificariam essa adesão, diversamente do que ocorreu com a falante 133, que se afastou por longos anos do Brasil.

Quanto aos falantes do PEUL, pela análise das fichas sociais de cada informante nos dois momentos das gravações, há forte correlação entre vínculos sociais e adesão de usos inovadores. Outra questão bastante interessante foi a idade em que esses contatos

se impõem e a extensão desses contatos. Ampliar seus contatos sociais numa idade muito avançada e restringir tais vínculos a grupos mais fechados, como os religiosos, pode minar as possibilidades de incorporação de usos inovadores.

Com a análise de provas dissertativas, notei que a pressão escolar ou de objetivos tem papel importante na (não) adesão de usos inovadores. É de conhecimento geral que *tipo* detém alta recorrência de uso entre os falantes mais jovens em situação espontânea de fala, contudo as redações mostraram que quanto maior é a escolaridade e o grau de exigência social tanto menor será o uso de *tipo*. Na prova do grupo I, cujos alunos são levados a acreditar que seu desempenho servirá como meio de avaliar o ensino colegial e não o seu desempenho individual, houve o maior índice de *types* (05), dentre os quais quatro eram inovadores. Na prova do grupo II, em que os alunos são efetivamente avaliados para ingressar no curso superior e são levados a acreditar que seu desempenho é critério eliminatório de ascensão/status social, houve o uso de apenas dois *types*, com apenas uma ocorrência de marcador discursivo. Ressalto que, nas provas vestibulares para medicina, para uma universidade federal, não houve nenhum emprego inovador. No grupo III, em que os alunos sabem que estão sendo avaliados ao mesmo tempo em que seu desempenho serve de índice avaliativo do potencial de ensino de sua universidade, houve um único caso de uso inovador de *tipo* em seu uso preposicional-exemplificativo, que se aproxima perceptivelmente dos usos discursivos.

São índices de incorporação ínfimos, que corroboram a afirmação inicial de que a situação social do indivíduo pode afetar a incorporação de funções inovadoras, especialmente daqueles empregos mais estigmatizados.

Numa última tentativa de abordar a transmissão de usos inovadores, conversei com adolescentes, professores e estudantes de Letras. Esta estratégia não se mostrou eficiente, mas permitiu reunir elementos para um futuro encaminhamento da questão. Os adolescentes incorporam usos inovadores se estes forem aceitos pelo grupo, contudo se seus pares rejeitam essa forma – como é caso dos meninos mais velhos consultados que associam *tipo* a grupos femininos – então a tendência será que evitem esses empregos.

Chegamos, assim, a resultados bastante interessantes sobre a gramaticalização e incorporação de usos inovadores por falantes do português, que podem servir de ponto de partida para um estudo do tipo tendência. Os resultados observados por meio de um estudo dessa natureza permitiriam a explanação dessas questões, aqui discutidas num âmbito individual, em larga escala social. Permitiria generalizações válidas para a comunidade lingüística, um todo heterogêneo que é guiado por regras claras e organizadas para os deslizamentos funcionais de itens e estruturas lingüísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUGH, J. (1980). A reexamination of the Black English Copula. In: LABOV, William. *Locating language in time and space*. New York: Academic Press, pp.83-106.

- BYBEE, J. (2003). Mechanisms of Change in Grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, pp. 602-623. www.unm.edu/~jbybee
- DIK, S.C. (1997). *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- DU BOIS, J.W. (1985). Competing motivations. In: HAIMAN, John (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, pp.343-65.
- HEINE, B.; CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. (1991a). From cognition to grammar – evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.C. & HEINE, BERND (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Volume I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, pp. 149-187.
- HOPPER, P.J. & TRAUGOTT, E.C. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LABOV, W. (2002). Driving forces in Linguistic change. 2002. *International Conference on Korean Linguistics*. Seoul: Seoul National University.
- _____. (2001). *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell.
- LARAIA, R.B. (1989). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- LEMLE, M. & NARO, A.J. (1977). *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Mobral, Fundação Ford.
- HERNANDES, M.C.PL. (2005). *A Interface sociolingüística/gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como : sincronia e diacronia*. Tese de doutoramento. Campinas, SP : [s.n.].
- MITHUN, M. (1991). The role of motivation in the emergence of grammatical categories: the grammaticalization of subjects. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Volume II: focus on types of grammatical markers. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, pp.159-184.
- NEVES, M.H.M. (1996). A gramática de usos é a gramática funcional. In: *Boletim da Abralín* (19), pp.27-38.
- RODRIGUES, Â.C.S. (1987). *A concordância verbal no português popular na cidade de São Paulo*. Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo.